

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

PEDRO CORREA DOS SANTOS NETO

**Categorização metodológica para Jornalismo investigativo e humanitário em
cenários de intoxicação**

**SÃO LUÍS - MA
2025**

PEDRO CORREA DOS SANTOS NETO

Categorização metodológica para Jornalismo investigativo e humanitário em cenários de intoxicação

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Comunicação
Social - Jornalismo da Universidade
Federal do Maranhão Campus Bacanga,
como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dr^a. Patrícia Rakel de
Castro Sena

SÃO LUÍS - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Correa dos Santos Neto, Pedro.

Categorização metodológica para Jornalismo
investigativo e humanitário em cenários de intoxicação /
Pedro Correa dos Santos Neto. - 2025.

53 f.

Orientador(a): Patrícia Rakel de Castro Sena.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social -
Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2025.

1. Jornalismo Digital. 2. Investigativo. 3.
Humanitário. 4. Intoxicação. I. de Castro Sena, Patrícia
Rakel. II. Título.

PEDRO CORREA DOS SANTOS NETO

Categorização metodológica para Jornalismo investigativo e humanitário em cenários de intoxicação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra Patrícia Rakel de Castro Sena

Prof título nome completo

Prof título nome completo

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à minha família, especialmente meus pais, Alice e Pedro, por todo o amor e dedicação que depositaram em mim e também reconhecer todos os esforços e sacrifícios que realizaram para que eu pudesse traçar meu caminho por conta própria. Amo vocês e sem os seus exemplos e ensinamentos eu não seria nada. Saibam que a cada passo que darei em minha trajetória terei vocês em meu coração e pensamento, me esforçando para que sintam orgulho do filho que têm.

Agradeço também aos meus amigos que a vida me deu, pelo apoio, compreensão e companheirismo durante os pontos positivos e negativos da minha caminhada. Agradeço especialmente à Isys, por mais de uma década de amizade, cheia de companheirismo, amor e cumplicidade.

Agradeço também aos professores que marcaram toda minha trajetória acadêmica, obrigado pelas lições e orientações durante todos esses anos. Um agradecimento especial para a orientadora deste trabalho, a professora, mestre e doutora, Patrícia Rakel, que não só me guiou por todo o processo de pesquisa como também serviu de grande inspiração durante minha trajetória na UFMA, desde o primeiro contato com ela, na cadeira de Ética do Jornalismo. Gostaria de agradecer também ao professor Ramon Bezerra, meu orientador durante minha trajetória no grupo de pesquisa ETC, obrigado pelo apoio, suas instruções foram essenciais para o meu desenvolvimento. Obrigado a todos pelos fundamentos que me apresentaram ao longo dos anos.

Agradeço aos amigos que a Universidade me deu, poder traçar esse caminho ao lado de vocês e presenciar os profissionais extraordinários que estão se tornando serviu como inspiração para o meu desenvolvimento como comunicólogo.

Obrigado a todos que deixaram alguma marca em meu caminho, por todo o apoio, cuidado, instrução e oração que dedicaram a mim. Sou muito grato e sortudo de ter vocês em minha história.

“Contamos histórias para poder viver.”
(Joan Didion, “O álbum branco”, 1979)

RESUMO

Sendo a comunicação um dos pilares da vivência humana, é compreensível que a prática do jornalismo em específico se reconstrua junto aos avanços da sociedade. Assim, este trabalho busca investigar as mudanças ocorridas nos formatos de jornalismo devido à ambiência digital. A pesquisa ancora-se nos gêneros jornalísticos investigativo, humanitário, *slow* e *longform journalism*, para examinar textos da Agência Pública, veículo de comunicação que desponta como alternativa de um jornalismo digital com prática refinada e que melhora alguns princípios dos formatos tradicionais. O estudo segue uma abordagem qualitativa e utiliza o método de Análise de Conteúdo para examinar e sistematizar textos da Pública relevantes para os gêneros jornalísticos explorados. Como resultado, foi desenvolvido um referencial de codificação que interpreta as principais características dos formatos estudados e as relaciona com o *corpus* formado por textos do veículo de comunicação selecionado.

Palavras-chave: Jornalismo digital. investigativo. humanitário. infoxicação.

ABSTRACT

Since communication is one of the pillars of human experience, it's understandable that the practice of journalism, specifically, is reconstructed alongside societal advances. Therefore, this work seeks to investigate the changes in journalism formats due to the digital environment. The research focuses on investigative, humanitarian, slow-form, and long-form journalism genres to examine texts from Agência Pública, a media outlet that emerges as an alternative for digital journalism with refined practices and that improves on some principles of traditional formats. The study follows a qualitative approach and uses the Content Analysis method to examine and systematize texts from Pública relevant to the journalistic genres explored. As a result, a coding framework was developed that interprets the main characteristics of the formats studied and relates them to the *corpus* of texts from the selected media outlet.

Keywords: Digital journalism. investigative. humanitarian. infoxication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem da reportagem especial “100”

Figura 2 - Imagem das categorias na reportagem especial “100”

Figura 3 - Imagem das mensagens vazadas presentes na reportagem “O FBI e a Lava Jato”

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação das Unidades de Análise

Quadro 2 - Detalhamento das Categorias Fundamentais e de Definição

Quadro 3 - Categorias de maior presença na unidade de amostragem

Quadro 4 - Referencial de codificação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 JORNALISMO INVESTIGATIVO, HUMANITÁRIO E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA O LONG FORM E O SLOW JOURNALISM.....	12
3 AGÊNCIA PÚBLICA E EXEMPLOS DE SEU TRABALHO DE JORNALISMO INVESTIGATIVO E HUMANITÁRIO.....	21
4 CATEGORIAS E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELA AGÊNCIA: ANÁLISE.....	29
4.1 Análise e discussão das reportagens.....	33
5 CODIFICAÇÃO COMO GUIA PARA O JORNALISMO INVESTIGATIVO E HUMANITÁRIO.....	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

A prática jornalística acompanhou o desenvolvimento humano, forjando-se junto às novas tecnologias e ampliando os processos de produção e propagação de informações. Assim, reconhecendo que o cenário contemporâneo digital permite avanços cada vez mais rápidos e consequentemente uma difusão de informação mais veloz, é perceptível que o ofício da comunicação passou a ser alvo de uma demanda acelerada e abundante.

Desse modo, é inevitável que os formatos de texto jornalísticos tenham sofrido alterações em meio ao cenário digital em constante metamorfose. Em meio a esse processo, um dos principais modos que o trabalho jornalístico encontrou de moldar-se dentro desse ambiente foi manter-se o mais próximo de atender a demanda acelerada dos algoritmos das redes digitais.

Todavia, é exatamente por conta dessa alta demanda e alterações na prática jornalística que este estudo pensa a partir do problema: como é possível realizar metodologicamente um jornalismo digital que mantenha os princípios de investigação, apuração e refinamento dos gêneros tradicionais, mesmo em meio a um cenário de infoxicação e uma demanda algorítmica?

Sendo assim, a pesquisa é voltada para responder esse questionamento, destacando a Agência Pública como um exemplo de jornalismo que atua no meio digital e, ao mesmo tempo, trabalha com gêneros reconhecidos como tradicionais. Ademais, para melhor exame do contexto atual de propagação de informações e como o veículo estudado é atravessado por ele, foram escolhidos quatro modelos jornalísticos: jornalismo investigativo, humanitário, *slow* e *longform journalism*.

Com base nisso, a análise está fundamentada na maneira como esses gêneros se apresentam em uma amostragem composta por algumas reportagens da Pública, e considerando a manifestação de características desses formatos nos textos analisados. Além disso, o estudo debruça-se sobre as concepções dos quatro gêneros jornalísticos propostas por alguns autores, como Raquel Longhi (2015), Seane Alves Melo (2016) e Cilene Victor (2016), com objetivo de levantar um referencial de características presentes nos formatos estudados por eles para a codificação e categorização do *corpus*.

Outro conceito essencial para a monografia foi o da “infoxicação”, idealizado por Alfons Cornella (1996), que relaciona os termos intoxicação e informação. Este termo foi relevante pois permitiu a compreensão do contexto contemporâneo do jornalismo digital, marcado por um momento no qual se torna impossível o consumo de informações no ambiente da internet sem sentir-se bombardeado constantemente por um número abundante de conteúdos.

Para desenvolver esse estudo, foi adotada uma abordagem qualitativa, baseada em uma amostragem de reportagens do veículo de comunicação selecionado e que conversa com o referencial teórico. Além disso, utilizou-se do método de Análise de Conteúdo para a coleta e exame dos dados levantados.

A partir desses fatores, o trabalho foi estruturado em quatro capítulos, no qual cada um contempla parte dos objetivos levantados para responder o problema de pesquisa. O primeiro capítulo apresenta o cenário de infoxicação, que corresponde ao ambiente digital atual, relacionando-o com as mudanças que ocorreram nos formatos jornalísticos e ainda apresentando o referencial teórico de jornalismo investigativo, humanitário, *slow* e *longform journalism*. O segundo capítulo trata do objeto de estudo, a Agência Pública, explorando sua história, missão e alguns exemplos de trabalhos relevantes. O terceiro capítulo dá continuidade a análise dos textos selecionados no segundo capítulo, debruçando-se sobre seu formato e características, e também expõe a metodologia e o método selecionados para o exame das reportagens do veículo estudado. Por fim, o quarto capítulo propõe uma codificação, com inspiração na dissertação de mestrado de Flávio Calado (2025), nos estudos de Bauer (2002) e no método de Bardin (1977), das características dos gêneros jornalísticos e como elas conversam com as reportagens selecionadas para o *corpus*.

2 JORNALISMO INVESTIGATIVO, HUMANITÁRIO E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA O *LONG FORM* E O *SLOW JOURNALISM*

No decorrer dos séculos, a comunicação acompanhou cada passo do desenvolvimento humano, desde a informação escrita à mão em suportes físicos até chegar às telas atuais. Cada vez ocupando um lugar mais central na vida cotidiana, a comunicação sofreu mudanças tanto nos seus meios de propagação da informação quanto nos formatos de desenvolvimento delas. No centro da função de divulgar informações e comunicar ao povo, por grande parte do tempo esteve o papel do jornalista, figura responsável pela seleção, pesquisa e transformação do fato em notícia para ser consumida de forma massiva.

Isto conversa com a afirmação do jornalista e diretor do Centro Românico para a formação de jornalistas na Universidade de Neuchâtel, Daniel Cornu (1998), de que o consumo de mídia é a “terceira ocupação do homem moderno”, atrás apenas do trabalho e do sono. Sendo assim, é possível afirmar que a presença da comunicação se mantém não só importante na vida do homem comum mas também sendo um pilar essencial para sua vivência. Tendo em vista esse pensamento e o papel do jornalista, Cornu afirma que informar significa trabalhar sobre uma informação e transformá-la em algo significativo para outros, e isso diz respeito tanto ao conteúdo produzido quanto ao formato que assume e o seu meio de propagação.

Considerando essa concepção e voltando os olhos à contemporaneidade, o ato de informar tornou-se mais acelerado e acessível a qualquer momento por meio de uma tela, demonstrando assim que a comunicação se atualizou mais uma vez, dessa vez no meio digital, podendo tomar diferentes formas de propagação e alcançando públicos com interesses ainda mais variados. Segundo o pesquisador norte-americano Henry Jenkins, em seu célebre livro *A Cultura da Convergência*, “a convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica”, definindo isto como algo inevitável, um avanço em que esse movimento de convergência une, de forma indivisível, o público e o mercado da comunicação e “altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (Jenkins, 2009, p. 41.).

Todavia esse avanço, por meio do ciberespaço, seja algo positivo, permitindo ao jornalismo alcançar um público maior em menos tempo, também cria um novo desafio, em que o profissional da área se distancia do seu antigo papel de principal fornecedor de informação, agora competindo também com o indivíduo comum que é capaz de criar conteúdos noticiosos e os proliferar no meio digital para outros apenas com acesso a um dispositivo conectado à internet. Segundo Charron e Bonville (2016, p. 340), a realidade atual caracteriza-se como um “universo midiático de superabundância e de intensa concorrência”, isto é, se vive um momento em que a velocidade é um dos principais fatores para coordenação da informação, colocando os veículos jornalísticos em um campo de batalha, disputando espaço contra cada “usuário de ferramentas de redes sociais”.

Nesse contexto, o acesso a conteúdos midiáticos se mostra progressivamente mais simples e unificado. Entretanto, isso causa preocupação devido a grande quantidade que chega a cada pessoa diariamente, podendo causar uma sobrecarga de informações de diversos emissores simultaneamente. É possível perceber que nos encontramos em um momento propenso a cenários de “infoxicação”, conceito cunhado por Alfons Cornella (1996), que trata-se do neologismo entre os termos intoxicação e informação. Por essa perspectiva, o termo aponta para o efeito de muitos conteúdos gerados e entregues ao público, causando a sensação de bombardeamento desses materiais informativos, algo que é mais predisposto a acontecer no panorama das redes digitais atuais.

Essa ideia de infoxicação dialoga com o alerta de Pavlik (2014) quanto ao poder da ubiquidade da internet, isto é, a sua capacidade de estar em qualquer espaço e se metamorfosear para diferentes objetivos, assim como a presença das mídias de comunicação nos aparelhos móveis e na facilidade de tornar os cidadãos capazes de distribuir informações, os tornando tanto receptores quanto emissores.

No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. Além disso, o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas, incluindo câmeras de segurança ou vigilância bem como sensores de muitos tipos e formatos, frequentemente ligados à internet. (Pavlik, 2014, p. 160)

Tal facilidade pode ser prejudicial tanto em referência à concorrência no jornalismo contra esse público quanto na questão de permitir a produção e proliferação de informações manipuladas ou deturpadas por pessoas que não têm o estudo e cuidado de profissionais da área de comunicação ao pesquisar, tratar e organizar o conteúdo, transformando-o em uma notícia. Todavia, jornalistas não estão imunes a disseminar falsas informações em suas notícias, essa preocupação se torna maior no cenário atual pois o alcance delas torna-se ainda mais acelerado e está a um clique de distância para qualquer pessoa.

Sendo assim, a preocupação não é apenas que os novos disseminadores de informação possam concorrer um lugar com os profissionais de jornalismo, mas como nesse novo meio de comunicação global e de fácil acesso falta um código ético como dos jornalistas que sirva para conduzir as pessoas que produzem informação e a propagam.

Outro problema proveniente dessa mudança é que os “processos democráticos dependem de um sistema robusto de cidadãos conectados e mídia profissional”, já que se torna mais difícil regular ao alto volume de informação sendo criada e espalhada todos os dias (Pavlik, 2014, p.160).

Além disso, John Pavlik ainda recomenda que a melhor maneira do jornalismo existir propriamente dentro desse cenário é transformando a indústria tradicional em um formato que acompanhe essa realidade móvel e acelerada (Pavlik, 2014). Isto dialoga com a afirmação de Jenkins de que “o desafio para a indústria da notícia está em produzir conteúdo convergente de qualidade, que atenda aos diversos formatos”, acreditando que continuando a se reconstruir junto às novas ferramentas de produção presentes na internet o jornalismo se mantém caminhando no mesmo ritmo da população (Jenkins, 2009, p. 43).

Consequentemente, há uma demanda para que a imprensa qualificada seja capaz de produzir para diferentes dispositivos e uma multiplicidade de formatos.

Na internet, o leitor revela sua subjetividade por meio das ferramentas que escolhe para acessar o conhecimento. Tal comportamento não é diferente no caso do jornalismo digital, onde a informação noticiosa está disponível em diversas linguagens, seja o vídeo, o texto, a fotografia, o gráfico ou o áudio. A recorrência de linguagens não necessariamente resulta em redundância e pode ser a garantia da qualidade jornalística em um ambiente onde as informações são abundantes e escassa é a atenção do leitor (Miranda; Baldessar; Cavenaghi, 2015, p. 5).

Todavia, a internet permite ao jornalista criar matérias em múltiplos formatos, esse trabalha de acordo com o “tempo algorítmico” como afirmou o professor de Comunicação Social da Universidade de Stanford, Mike Ananny (2016), pois depende da demanda do algoritmo das redes sociais, que exige uma produção cada vez mais rápida. Sendo assim, formatos que demandam maior capricho e por consequência mais tempo para serem concluídos acabam sendo lesados nessa hierarquia das redes digitais.

Acompanhando isto, é possível perceber que entre os formatos tradicionais de jornalismo que podem ser lesados pela hierarquia da demanda veloz do algoritmo das redes, o jornalismo investigativo destaca-se por ser uma modalidade que demanda tempo para conseguir informações, pois aprofunda mais no fato que irá abordar, contextualizar, indagar e investigar de todos os ângulos possíveis (Lopes; Proença, 2003).

Em conformidade com essa concepção do formato investigativo, a mestre em Comunicação Social, Seane Alves Melo, em seu artigo sobre a trajetória do jornalismo investigativo no Brasil, empresta da teoria do pesquisador norte-americano Silvio Waisbord para definir esse subcampo do jornalismo além de algo que apura escândalos para denunciar, mas como um meio de levar à luz verdades que estão além do alcance do público, como por exemplo aquelas que dizem respeito a ataque aos seus direitos (Melo, 2016, p. 183). Além disso, ela cita Dines, que apontou que o gênero investigativo “foi sendo abandonado, aos poucos, pela imprensa brasileira, justamente quando os grandes jornais preferiram a linha ‘empresarial’, que consiste basicamente em informar sem comprometer-se”, algo que pode acontecer no cenário contemporâneo caso a mídia continue a trabalhar de acordo com a determinação do algoritmo (Dines, 1986, p. 91). Sendo assim, o distanciamento desse gênero no jornalismo atual vai além de uma demanda empresarial e desponta como um ajuste ao novo modo de consumir informação e a constante demanda do público acostumado a um fluxo cada vez mais ávido.

Outrossim, outra modalidade do jornalismo que pode ser afetada pela dinâmica do jornalismo digital orientado pelas redes sociais é o jornalismo humanitário, descrito pelo pesquisador em comunicação, Ibrahim Seaga Shaw (2012, p. 14), em seu livro *Human Rights Journalism*, como “uma alternativa radical ao jornalismo convencional”, tendo em vista que privilegia “a desconstrução da

violência indireta estrutural e cultural como forma de prevenir ou minimizar a incidência de políticas de violência” sobre a demanda empresarial.

Dialogando com essa concepção, uma das principais definições para esse tipo de jornalismo o reconhece como sendo “a produção e a distribuição de relatos factuais, relativos a crises, eventos e outros temas relacionados com o bem-estar ou sofrimento humano”, desempenhando o papel de comunicar de maneira que leve a intervenção da mazela sendo retratada na notícia (Bunce et al., 2019, p. 5).

Além disso, o jornalismo humanitário tem a importante função de dar protagonismo a vozes que estão no centro de crises, servindo como luz para suas vivências prejudicadas pela realidade que se encontram; dessa forma, exercendo função de mostrar ao público esse cenário devastado e inspirar a empatia influenciando a opinião pública por meio do que é representado (Victor, 2016).

Realçando essa ideia, a autora Ana Catarina das Neves Castro e Melo (2021), em sua tese *A (in)definição e emergência do jornalismo humanitário: a cobertura mediática do conflito de Cabo Delgado no jornal Público*, afirma que “é indispensável a construção de uma opinião pública devidamente informada e esclarecida”, reconhecendo que o papel do profissional dentro do jornalismo humanitário é ajudar a representar as pessoas que necessitam de mudanças, influenciando, por meio de notícias, a opinião pública que irá reivindicar os avanços necessários (Melo, 2021, p. 14).

Além disso, a autora Celine Victor (2016) indica que o jornalismo deveria mudar sua abordagem habitual, priorizando a pessoa retratada além do fato noticiado, e “humanizar os dados estatísticos”, ao focar nas pessoas afetadas como protagonistas das narrativas sendo contadas, dessa forma humanizando o papel de informar, dando protagonismo às pessoas dentro da situação precária e assim aproximando o público de quem está vivenciando isso (Victor, 2016, p. 53).

Sendo assim, em razão da nova demanda por conteúdos de maior facilidade de propagação digital, citada anteriormente, algumas mudanças devem ocorrer dentro do campo da comunicação, especialmente tendo em vista que a relação do público com a informação também mudou. Levando em conta o conceito de propagabilidade proposto por Jenkins, Green e Ford (2014), que diz respeito aos meios que facilitam a propagação de um conteúdo em relação à outros, podemos compreender que o algoritmo que guia as redes digitais dá preferência a disseminar aqueles materiais que tem a capacidade de continuar sendo compartilhados, isto é,

aqueles que as pessoas conectadas terão mais interesse em passar adiante (Jenkins; Green; Ford, 2014).

Dessa forma, o jornalista se encontra estimulado a gerar uma grande quantidade de matérias que irão interessar esse algoritmo, perdendo em parte sua autonomia para selecionar o que deve ser abordado e noticiado, já que as demandas da mídias digitais passam a ter efeito sobre todo o processo de produção jornalística, desde o processo de apuração até os meios pelo quais serão distribuídos posteriormente (Canavilhas, 2007).

Outro conceito tratado por Jenkins (2014), que se mostra atual no cenário digital orientado por algoritmo, é o da aderência – termo emprestado do livro *O ponto de virada*, de Malcolm Gladwell (2000). O conceito se refere a um esforço para tornar a informação irresistível para o leitor, aumentando dessa forma o engajamento do público, causando um interesse em compartilhá-lo, logo estimulando a sua propagabilidade (Gladwell, 2000). E é dentro desse contexto, que o jornalismo se encontra, tendo de saber explorar ambas essas características do meio digital para se manter, pois

A propagabilidade reconhece a importância das conexões sociais entre os indivíduos, conexões cada vez mais visíveis (e amplificadas) pelas plataformas da mídia social. Essa abordagem pode ainda incluir mensurações quantitativas da frequência e da amplitude dos deslocamentos de conteúdo, mas torna importante ouvir ativamente as maneiras pelas quais os textos de mídia são usados pela audiência e circulam por meio das interações entre as pessoas (Jenkins; Green; Ford, 2014, p. 7).

Quanto à lógica de produção e consumo dentro do campo jornalístico nas redes digitais, uma das principais influências é a velocidade da informação, seja em relação ao tempo que leva para consumi-la quanto para recebê-la em sua tela. Sendo assim, o trabalho da comunicação acaba sendo influenciado a estimular produções mais rápidas que possam chegar perto de suprir essa necessidade incontrolável por conteúdo midiático.

Todavia, essa configuração acaba privilegiando formatos mais rápidos de serem concluídos, como notícias do dia a dia, ainda existem maneiras de informar dentro do jornalismo que demandam mais tempo e sobrevivem mesmo no meio digital utilizando-se das ferramentas que as mídias permitem. Como afirma Murray (2003), estamos em um momento em que as formas de noticiar contemporâneas

vivem lado a lado com as antigas, que estão passando por um processo de transição devido às novas possibilidades que o ciberespaço concede.

Nesse contexto, alguns formatos de jornalismo sobrevivem dentro do ambiente da internet, como é o caso do *Slow Journalism*, um movimento que demanda um tempo mais longo para ser preparado e preza pelo capricho e profundidade nos tópicos que aborda. Como afirma o jornalista britânico Rob Orchard (2014), cofundador do movimento, é algo que diz respeito a ter tempo para fazer algo de qualidade, relacionado a se aprofundar e tomar tempo para narrar as informações além de uma exposição vaga.

Esse movimento se assemelha ao conceito das *slow foods*, isto é, uma comida feita de forma devagar, diferente das *fast foods*, algo que reforça sua qualidade superior e maior cuidado na produção em comparação ao tipo mais rápido. Entretanto, essa forma de criar notícias não significa que as notícias mais rápidas sejam inferiores ou menos importantes, oferecendo o formato *slow* como uma outra opção para se produzir notícias.

Na contramão dessa maré, o movimento *slow journalism* propõe uma relação diferente com o tempo: não é apenas porque é possível ser mais rápido que essa seja sempre a melhor opção, ou a única. Seus defensores reconhecem que não seria possível e nem desejável eliminar as *fast news*, imprescindíveis para a sociedade. Os pesquisadores que já se dedicaram ao tema celebram a qualidade dos produtos e sua capacidade de gerar uma compreensão melhor da complexidade do mundo, mas questionam se há tempo e interesse por parte da audiência em consumir conteúdo desse tipo (Nickel; Fonseca, 2020, p. 30).

Além disso, outro tipo de texto jornalístico que se diferencia de uma notícia de rápida formação e apreensão, não apenas pelo formato, mas também pela apuração, contextualização, e aprofundamento, é o chamado jornalismo *longform*. Tal modalidade compreende textos mais longos, com uma diversidade de pontos, que necessitam maior tempo para leitura e interpretação, devido a narrativas que exploram mais os fatos e personagens retratados (Longhi; Winkes, 2015, p. 3).

Esse formato não é recente, tampouco proveniente do meio digital, estando presente no jornalismo tradicional, e se assemelhando a reportagem (Baccin, 2017). Entretanto, ele se destaca nesse meio por conseguir se atualizar ao absorver recursos de multimídia digital que enriquecem seu modelo, e assim como a reportagem, é capaz de promover “a interação, a multimodalidade e a ruptura da linearidade” por meio disso (Gifreu, 2013, p. 23).

Essa proposta narrativa mais visual também pode ser observada em reportagens mais aprofundadas, com maior conteúdo, menos factual e de maior fôlego. Chamado de Longform Journalism, ou jornalismo de forma longa, o novo formato narrativo reúne em um formato multimídia diferentes linguagens, como o texto, o áudio e o vídeo de forma interativa (Miranda; Baldessar; Cavenaghi, 2015, p. 5).

Relacionando o *longform* com o *slow journalism*, é possível perceber que ambos levam a sério o ato de tomar tempo para apurar e tratar as informações com cuidado antes de formar os textos. Tendo em vista isso, é possível entender que a preocupação com a produção que esses dois modelos jornalísticos possuem ultrapassam as barreiras de tempo e velocidade, focando em aprofundar-se no fato, as personagens presentes e os diferentes pontos de vista da narrativa, sendo assim:

(...) a checagem de informações também se fez essencial para que possam ser apresentadas as versões de determinado acontecimento, o que faz com que o leitor esteja ciente dos múltiplos aspectos de um fato e tenha suas próprias conclusões a partir das informações apresentadas (Valiati; Breda, 2021 p. 189).

Entretanto, no cenário atual de alta velocidade e ‘superabundância’ de informações, é questionável se esse tipo de jornalismo seria interessante ao público e ao algoritmo (Canavilhas, 2014). Nesse sentido, o *longform journalism* desponta, pois trata-se de um formato que contempla um aglomerado de ferramentas multimídia ricas provenientes do espaço digital para incluir em suas reportagens. Dessa maneira, enriquecendo o texto e atraindo o público sem colocar a prova a qualidade do trabalho desenvolvido, o texto possibilita “ao leitor interagir com as informações, explorando os vários pontos de vista provenientes de diferentes fontes, na ordem e na profundidade que o leitor queira” (Sizemore; Zhu, 2011, p. 314 apud Baccin, 2017, p. 131).

Em consequência disso, o formato, como destaca Fischer (2013) apresenta duas principais características: “1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo” (Fisher, 2013, online, apud Longhi, Winkes, 2015, p. 112). Desse modo, consegue prender a atenção do público mesmo ao longo de diversos parágrafos e narrativas complexas,

respondendo ao questionamento se “o leitor dispõe de tempo para ler tranquilamente?” e se “haveria interesse nesse tipo de jornalismo?”, por meio de seu texto rico e interativo, que consegue convencer o leitor de que seu tempo será bem gasto e permitirá a ele se aprofundar no tema de seu interesse (Longhi, Winkes, 2015, p. 124).

3 AGÊNCIA PÚBLICA E EXEMPLOS DE SEU TRABALHO DE JORNALISMO INVESTIGATIVO E HUMANITÁRIO

Tendo em vista o histórico de jornalismo brasileiro, e sua trajetória ligada ao jornalismo investigativo, citado no capítulo anterior, é possível perceber mesmo na contemporaneidade no qual o consumo de informação se tornou mais acelerado ainda, que existem exemplos dessa modalidade de jornalismo mantendo-se na ativa e também aquelas que encontram no mundo digital um novo caminho para prosperar.

Um exemplo disso, é a Pública, uma agência brasileira de jornalismo investigativo e independente¹, fundada em 2011 por Natália Viana, Marina Amaral e Tatiana Merlino. A agência se propõem a produzir grandes reportagens “com base na rigorosa apuração dos fatos e têm como princípio a defesa intransigente dos direitos humanos”². Sendo assim, mostrando-se um modelo de jornalismo que carrega características tanto do gênero humanitário como do investigativo em seu trabalho.

A ideia de criar a agência, segundo Natália Viana, durante entrevista ao blog Jornalismo nas Américas, surgiu por meio de um desejo de trazer o foco do jornalismo de volta para o interesse público e trabalhar investigando a fundo questões que sejam importantes de manter ao alcance desse público:

A inspiração surgiu em minha viagem a Londres, em 2006, quando conheci alguns centros de jornalismo investigativo. [...] E aí veio a ideia de montarmos uma organização semelhante a esses centros internacionais, que conseguem trazer o jornalismo pra sua essência: o interesse público. Neles, o jornalismo é feito com o mínimo de partidarismo possível e com uma consciência da sua importância para o funcionamento da democracia (Viana, 2011, online) ³.

Tendo em vista isso e que no site da Pública, a agência define a sua missão como sendo de “produzir jornalismo investigativo e fomentar o jornalismo

¹ Jornalismo independente refere-se ao tipo de jornalismo que não trabalha de acordo com a organização empresarial, nem intervenção do governo ou de demanda comercial. Neste caso a Pública se destaca por ser um exemplo deste tipo de trabalho, pois se mantém com financiamento de organizações não governamentais, doações, editais e parcerias com outros veículos de informação que contemplam sua função de trabalhar para investigar os poderes e em prol do interesse público (Viana, 2011).

² Quem somos da Pública. Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>

³ Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/brasil-ganha-agencia-de-jornalismo-investigativo/>

independente na América Latina” e essa “distingue-se por aliar preocupação social com jornalismo independente e de credibilidade”, podemos definir o seu trabalho como sendo uma ponte entre o caráter de denúncia das reportagens investigativas e o de informar sobre mazelas sofridas por uma população presente no jornalismo humanitário. Assim, essa noção conversa com a afirmação de Natália Viana de que o papel da Pública é de “investigar os poderes, sejam empresas ou governos, estando a serviço do público” (Viana, 2011, online).

Devido o trabalho da Pública ser pautado no interesse público é possível perceber nos temas de suas editorias um reflexo disso, entre elas estão: Tecnologia; Empresas; Justiça; Gênero e Diversidade; Poder Religioso; Internacional; Socioambiental; Clima; Sociedade; Poder; Violência; Militares. Sendo cada uma delas representando um pilar da sociedade contemporânea; além disso, são temas que a agência crê ser direito público ter acesso a uma informação aprofundada e transparente para manter-se consciente, pois cada mudança nestes pode afetar a sua vida, desse modo seguindo como apontam em seus valores a “promoção dos direitos humanos e do direito à informação e qualificação do debate democrático” (Pública, 2018, online).

Além disso, Viana (2011) explica que o trabalho da Pública, mesmo com os poucos recursos devido a agência ser independente, e sustentar-se com doações de fundações privadas nacionais e internacionais, patrocínios, editais e financiamento dos leitores, é acurado e feito com primor. Ainda descreve o fator tempo como sendo fundamental no trabalho das reportagens, e define como “mais importante até do que os recursos”. Isto conversa com a mentalidade do movimento *slow journalism*, citado no capítulo anterior, que prioriza uma produção que não se deixa influenciar pela demanda constante de informação. Vale ressaltar, que por tratar-se de um veículo de jornalismo independente que a agência é capaz de seguir com sua missão e não estar sob poder da demanda empresarial da comunicação.

Contudo o modo operacional da Pública se distancia do jornalismo empresarial de grandes empresas, tanto pela questão de seus recursos limitados quanto pelo centro de seu trabalho ser voltado para o “interesse público”. Natalia Viana (2011) aponta o propósito da agência como o de ser mais um formato de trabalho jornalístico que não venha a competir e sim, possa complementar esse

campo no país: “Nós queremos ser parceiros dos veículos de imprensa. Não viemos substituir o trabalho que eles já fazem, viemos somar” (Viana, 2011, online).

Todavia, algo que o trabalho da Pública tem de semelhante com os outros veículos de comunicação digital da imprensa brasileira atual é a maneira como a agência alcança o público, utilizando as suas redes sociais. Atualmente com perfis divididos pelas redes, Facebook⁴, Instagram⁵ e Youtube⁶, a agência gera publicações que atraiam o interesse de leitores com fragmentos de textos publicados no seu site; dessa forma, incentivando o leitor a visitar e conhecer o trabalho aprofundado que estará disponível nas grandes reportagens, entrevistas e outros formatos presentes em seu site.

Segundo a co-fundadora da Pública, Natália Viana (2011, online), isto se deve, pois “é necessário variar os métodos através dos quais você alcança o público, os formatos e os meios pelos quais o seu conteúdo se espalha”, assim Pública explora o formato que melhor conversa com cada plataforma onde possui perfis, para navegar no algoritmo sem abrir mão de ter seu trabalho mais longo e detalhado contemplado no seu canal principal.

Além disso, outro fator do exercício da Pública que o distinguiu do jornalismo empresarial foi o seu pioneirismo com o trabalho de *fact-checking*, isto é, uma checagem de dados realizada em notícias disseminadas por meios de comunicação digital, que desempenharam até 2018 com o projeto Truco. Esse projeto era voltado a verificar afirmações de políticos e personalidades do poder, e foi de maior destaque durante a campanha eleitoral de 2018, por meio do qual a Pública se empenhou em acompanhar os ataques a jornalistas sofridos na época pelo candidato Jair Bolsonaro e seus aliados. Mas em dezembro do mesmo ano, a decisão foi tomada de deixar o formato fixo do projeto, pois acreditaram que a contribuição seria “mais consistente se concentrada na reportagem investigativa”, e tendo em mente que o formato de *fact-checking* do Truco foi capaz de incentivar outros veículos de imprensa a seguir com esse método (Pública, 2018, online)⁷.

A agência também já contou com outros mecanismos de investigação para formar suas reportagens, como por exemplo, realizar a investigação participativa em que “o público ajuda o repórter a investigar”, isto é, uma forma de recolher histórias

⁴ <https://www.facebook.com/agenciapublica>

⁵ <https://www.instagram.com/agenciapublica/?hl=pt-br>

⁶ <https://www.youtube.com/channel/UCRVbqma6TalHp9E151nC8sA>

⁷ <https://apublica.org/2018/12/mudancas-na-agencia-publica/>

de leitores sobre temas que estão sendo pesquisados pelos jornalistas da equipe (Pública, 2020, online)⁸. Um dos primeiros trabalhos realizados com esse método foi uma série de reportagens sobre a pandemia de Covid-19, na qual a agência utilizou um questionário a ser respondido por pessoas que perderam alguém próximo à doença. Após apuração das informações recolhidas pelo público que respondesse ao questionário as reportagens seriam criadas. E como forma de potencializar, a Pública incentivava as pessoas a espalhar o questionário, podendo dessa forma ter acesso a mais histórias e enriquecer o trabalho acerca do tema:

Ao compartilhar informações sobre a sua própria experiência, você pode nos ajudar a compreender melhor a situação que está enfrentando e nos dar dicas sobre os caminhos para investigá-la. Quanto mais pessoas responderem o questionário, maior é a chance dessas contribuições se tornarem reportagens. Por isso, pedimos sua ajuda para espalhá-lo nas redes sociais, em grupos de amigos, entre os seus vizinhos e familiares (Pública, 2020, online).

Esse trabalho participativo representa o porquê do ofício da agência ser voltado para o público, e carrega em seu nome esse valor.⁹ Assim, a Pública demonstra além do jornalismo investigativo uma aptidão para um jornalismo humanitário, especialmente tendo em vista que a modalidade não serve apenas para retratar mazelas sociais como também retratar as pessoas afetadas por elas; sobretudo, dando a estes visibilidade para expressar as adversidades presentes em suas realidades, algo exemplificado pela forma como convidaram pessoas a participarem de sua investigação em seu site:

Queremos te convidar para participar das nossas investigações porque sabemos que você conhece sua realidade melhor do que ninguém. Ao compartilhar informações sobre a sua própria experiência, você pode nos ajudar a compreender melhor a situação que está enfrentando e nos dar dicas sobre os caminhos para investigá-la (Pública, 2020, online).

Assim, um exemplo importante de jornalismo humanitário realizado pela Pública que podemos apontar é a reportagem especial “100” de 2016¹⁰. Nessa reportagem transmídia, foram contadas as histórias de 100 famílias que tiveram as casas perdidas pelas obras realizadas em favor dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016. A reportagem é formada por diversos trechos que contam a

⁸ Disponível em:

<https://apublica.org/2020/06/seis-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-investigacoes-participativas/>

⁹ Disponível em: <https://apublica.org/2021/04/por-que-somos-agencia-por-que-somos-publica/>

¹⁰ Disponível em: <https://apublica.org/100/#main>

história de cada uma das pessoas afetadas, retratando como era sua vida antes e como ela foi mudada pela perda da casa.

Dessa forma, além de denunciar a adversidade que estas pessoas estavam vivendo após a perda da casa, também apresenta a sua realidade anterior e mostra aos leitores essas pessoas que perderam seu lar como protagonistas da narrativa, não apenas efeito colateral de um fato triste. Esse projeto ganhou a modalidade Internet na 38ª edição do Prêmio Vladimir Herzog, um prêmio que reconhece o trabalho de jornalistas que colaboram na defesa e promoção da Democracia, da Cidadania e dos Direitos Humanos e Sociais¹¹, demonstrando sua importância ao retratar essa história, trazendo luz às pessoas desamparadas após a perda de suas casas e esperando por uma mudança.

Além de fontes testemunhais como no caso da reportagem “100”, a agência conta com uma diversidade de fontes para suas reportagens, tanto oficiais, oficiosas quanto do público, e isso também se reflete na sua investigação e apuração para formar suas reportagens que são baseadas “em fatos, documentos, cruzamento de dados e entrevistas”¹². Essa variedade de fontes enriquece o seu trabalho, pois pode apresentar diferentes pontos de vistas que ajudaram a explorar as narrativas tratadas, como apontou a repórter da Pública, Anna Beatriz Anjos:

A diversidade de perspectivas apresenta novas fontes, fornece caminhos de reportagem e nos abre os olhos para nuances que, de início, podem ter passado despercebidas, porém não raro são essenciais para se contar uma história de maneira justa. Sem isso, fica muito mais difícil desvendar a complexidade das situações e cresce a chance de cairmos nas armadilhas do “preto no branco” (Pública, 2021, *online*)¹³

Levando em consideração que a agência se propõe a realizar um tipo de jornalismo investigativo que se dedica a expor “práticas de corrupção e de antitransparência”, muitas vezes suas reportagens também contam com fontes de documentos recolhidos que revelam algum fato sendo escondido por figuras políticas. Um exemplo disso é a reportagem especial “O FBI e a Lava-Jato”¹⁴, na qual a Pública em parceria com a The Intercept Brasil, realizaram essa matéria parte da série Vaza Jato, em que foram analisadas conversas vazadas de aplicativo de conversa, mostrando a proximidade entre a Polícia Federal, procuradores e o FBI.

¹¹ <https://premiomvladimirherzog.org/o-premio/>

¹² Aba Reportagem no site: <https://apublica.org/tipo/reportagem/>

¹³ Disponível em:

<https://apublica.org/2021/03/o-que-aprendemos-em-10-anos-de-jornalismo-investigativo/>

¹⁴ Disponível em: <https://apublica.org/2020/07/o-fbi-e-a-lava-jato/>

Para a matéria, foi preciso analisar todas as conversas vazadas e curar quais constariam para o contexto da investigação e, depois, aprofundar-se em questionar as informações coletadas para formar a narrativa completa.

Retomando as noções apresentadas no primeiro capítulo, é possível afirmar que o jornalismo investigativo da Pública diz respeito à concepção apresentada pela mestre em Comunicação Social, Seane Alves Melo (2016), em sua dissertação, especialmente quando ela afirma que esse gênero se distingue quando está indo além da denúncia e passa a desafiar as autoridades e o que aqueles em poder tentam indicar como sendo verdade,

Isso explica também porque reportagens sobre assuntos relacionados a saúde, educação, problemas sociais, esportes, entre outros, só adquirem uma boa repercussão e são reconhecidas – em prêmios, na descrição de livros, em convites para apresentação em congressos de jornalismo investigativo – como produções investigativas, quando há alteração nas verdades que poderiam ser contadas naquele setor, abarcando, possivelmente, temáticas interditas pela esfera do poder (Melo, 2016, p. 184).

Isto também está em harmonia com a concepção do gênero apresentada por Hunter (2013), no manual “A investigação a partir de histórias”, um manual de jornalismo investigativo” publicado pela UNESCO,

O jornalismo investigativo implica trazer à luz questões que permanecem ocultas – deliberadamente por uma pessoa em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias – e a análise e apresentação de todos os seus fatos relevantes ao público (Hunter, 2013, p. 3).

Assim, também pelo seu esforço para trabalhar para o público e o manter consciente das injustiças que podem afetar sua vida devido àqueles em poder e também informando sobre adversidades que parcelas da população passam devido a essas circunstâncias, o trabalho da Pública se enquadra no gênero de jornalismo humanitário. Isto conversa com a afirmação de Ana Catarina Castro e Melo, ao expor em sua tese, que só pode ser definido como jornalismo humanitário, aquele que é “desempenhado por protagonistas independentes e norteado por valores éticos, permite que o grande público conheça e principalmente se importe, com o sofrimento humano”, ou seja, algo referente ao exemplo da Pública, pois é um exemplo de jornalismo cujo foco é mostrar aos leitores a realidade de pessoas afetadas por circunstâncias intoleráveis e que a sua divulgação por meio de notícias pode influenciar a opinião pública e gerar mudanças (Melo, 2021, p. 19).

Por fim, as reportagens da Pública também são exemplos do *slow journalism*, pois são um exemplo de texto que demanda mais tempo para ser concluído devido seu esmero no processo de produção desde a apuração até a escrita. Além disso, dentro da agência é respeitado e levado em conta o tempo para produzir as matérias não como um prazo a ser entregue a tempo, mas um período para ser aproveitado ao máximo e lapidar o texto que será publicado, como afirma a repórter Clarissa Levy,

Como repórter na Pública, tenho aprendido que há tempo. Para refletir, checar, repensar o melhor ângulo para uma história. Há tempo para ouvir opiniões, considerar mais algum dado, buscar alguém que pode estar precisando ser ouvido. Parece pequena e simples essa coisa de ‘ter tempo’. Mas nesse mundo ameaçado pela desinformação e atropelado pela velocidade frenética das notícias, saber que há tempo é um tanto raro. E significa muito (Pública, 2021, *online*)

Ainda, o jornalismo da agência pode ser considerado como um exemplo do formato *Longform*, não só por trata-se de um veículo de comunicação que preza pelos textos longos e bem detalhados, mas também por apresentar reportagens que contam com aprofundamento e diversos pontos de vista em suas matérias, dessa forma explicando o formato mais longo dos textos. Além disso, a Pública é um exemplo de um tipo *longform*, que assim como mencionado no capítulo anterior, utiliza as ferramentas do formato digital para incluir elementos multimídias que prendem a atenção do público durante a leitura, em que tende a ser mais demorada. Um exemplo disso é a reportagem 100, na qual o texto conta com um infográfico com as 100 casas das 100 famílias que foram afetadas pelas obras das Olimpíadas de 2016. Estando elas uma ao lado da outra, como se o leitor estivesse visitando o bairro onde as casas estão localizadas e ao passar o cursor do mouse sobre cada uma, você pode ter acesso a parte do texto que fala especificamente daquela casa e a família que vivia nela.

Figura 1: Imagem da reportagem especial “100”



Fonte: Captura de tela do site da Agência Pública (2025).

Sendo assim, o trabalho da Pública, além de um jornalismo investigativo independente, pode ser considerado também um exemplo de jornalismo humanitário que se esforça para denunciar as mazelas que parte da sociedade são vítimas levando a luz a realidade delas e buscando por mudanças. Ao mesmo tempo que trata-se de um tipo jornalístico no mundo digital, ele resiste ao agendamento do algoritmo que demanda uma alta velocidade para produção de informações, ajustando o formato longo dos textos ao ambiente digital e tornando suas matérias interessantes para o público em paralelo, que não abre mão do processo esmerado de produção.

4 CATEGORIAS E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELA AGÊNCIA: ANÁLISE

Considerando o trabalho da Agência Pública bem como os formatos de jornalismo apresentados anteriormente, é possível seguir diferentes caminhos metodológicos para sua análise e caracterização. Assim, levando em consideração que esse trabalho tem como foco o *Jornalismo investigativo e humanitário em cenários de intoxicação*, a escolha da metodologia contemplou as características apresentadas de ambos os gêneros jornalísticos, além de explorar como estas manifestam-se nas reportagens da Pública.

Além disso, em virtude da pesquisa voltada para o cenário de intoxicação atual, presente principalmente nas mídias sociais digitais, é também essencial aprofundar-se no formato das reportagens analisadas. Tal análise é baseada principalmente nos modelos jornalísticos do movimento *slow journalism* e o *longform journalism*, apresentados nos capítulos anteriores como caminhos que os profissionais podem adotar ao criar textos mais longos e aprofundados.

Portanto, reconhecendo que esse estudo busca analisar a Pública como um exemplo de jornalismo que apresenta as categorias dos gêneros investigativo, humanitário, *slow journalism* e *longform journalism*, a metodologia escolhida foi qualitativa, lançando mão de técnicas de coleta e análise de dados como a de Análise de Conteúdo (AC). Dessa forma, pode-se aprofundar nas propriedades dos textos examinados e como eles refletem o trabalho da agência. Ademais, a abordagem do objeto foi a Pesquisa Qualitativa, pois busca explorar as subjetividades em profundidade não só dos textos, mas de toda a rotina produtiva que eles refletem; tendo em mente os formatos de *slow* e *longform* apontados anteriormente. Vale salientar, ainda que, o ambiente digital que a Pública está inserida, permite-lhe adotar ferramentas multimídias que acompanham os formatos mais longos de textos que demoram mais para serem produzidos e lidos.

Em vista disso, a deliberação acerca de qual caminho teórico-metodológico seguir foi baseado no interesse e no objetivo principal da pesquisa. Assim sendo, foi escolhido o método de Análise de Conteúdo principalmente por tratar-se de análise dos códigos e contextos que formam um texto. Isso pareceu adequado para tentar responder o problema de pesquisa e seus objetivos, os quais buscam compreender os formatos e estratégias narrativas adotadas pelo veículo de comunicação em suas

produções. Tal escolha reconhece a capacidade da AC de dissecar textos, encontrando em sua composição um conjunto de características similares entre eles e, por meio disso, examiná-los. Outrossim, oferecer fundamentações para analisar (*a posteriori*) o contexto a partir dos usos e influências da reportagem (Bauer e Gaskell, 2002).

A decisão de basear esse trabalho numa metodologia qualitativa também contempla a fundamentação baseada principalmente na interpretação de conteúdos selecionados. Essa escolha ancora-se na concepção de Bauer e Gaskell (2002), de que a abordagem qualitativa não é baseada em números e nem levantamentos em grande quantidade de dados para análise e sim no aprofundamento em interpretações daquilo que compõe o *corpus* da pesquisa.

Consequentemente, o estudo tem o objetivo de aprofundar a análise dos textos selecionados, examinando as subjetividades dentro deles, as quais se relacionam com os gêneros jornalísticos. Esse caminho metodológico reconhece a importância de apontar como as estruturas narrativas adotadas pela Pública são exemplos dos modelos jornalísticos investigativo, humanitário, *longform* e *slow journalism*, e de que forma suas produções refletem as vantagens que o cenário digital tem para sua produção e propagação.

Além disso, distingue-se que a metodologia qualitativa é a mais adequada para esse propósito, pois os exemplos selecionados para o *corpus* já representam um levantamento suficiente para a interpretação dos formatos. Isso mostra-se ainda mais relevante considerando que o objetivo é demonstrar como o trabalho jornalístico na Internet não é totalmente alheio aos formatos mais elaborados e de produção mais lenta, apontando a Pública como uma alternativa de jornalismo nesse ambiente que vem sendo muito influenciado pelas demandas algorítmicas e a infoxicação.

Essa justificativa também norteou a decisão da Análise de Conteúdo como caminho a ser seguido, ao examinar os exemplos selecionados para a pesquisa, já que tem a capacidade de dissecar os formatos e modelos na amostra de textos analisados. Levando em consideração isso, a escolha desse método baseia-se na concepção de Bauer e Gaskell (2002) da AC, da qual representa um tipo de apuração que fundamentada na sistematização do texto, podendo identificar em diferentes produtos características similares que expõe padrões em sua formação, independente da quantidade de objetos levantados para análise.

[...] um parágrafo fornece a oportunidade para comentários extensos explorando todas as ambiguidades e nuances da linguagem. A análise de conteúdo, contrastando a isso, reduz a complexidade de uma coleção de textos. A classificação sistemática e a contagem de unidades do texto destilam uma grande quantidade de material em uma descrição curta de algumas de suas características. Uma biblioteca pode estar contida em um único gráfico [...] (Bauer e Gaskell, 2002, p. 191).

Atendendo a esse apontamento dos autores, compreende-se que em casos de estudo sistemático de textos, a quantidade de exemplos selecionados é menos importante do que o aprofundamento em um montante inferior, desde que o conteúdo inclua as características referentes à pesquisa em questão.

Sendo assim, chegamos a mais um passo importante no caminho teórico-metodológico, a formação de um *corpus*. Para essa etapa é necessário estar ciente da importância de uma seleção de dados para análise, que sejam relevantes e reflitam a abordagem teórico-metodológica da pesquisa. Desse modo, reconheceu-se a importância de uma análise baseada em uma amostragem menos robusta, isto é, uma seleção de textos que é humilde em quantidade, entretanto que carregue nos exemplos uma demonstração das características sendo observadas.

Por conseguinte, é relevante levar em conta a observação de Bauer e Gaskell (2002) que identificam, na Pesquisa Qualitativa a importância de um levantamento de exemplos pertinentes para formar a base a ser analisada. Dessa forma, aponta-se que o papel essencial de um *corpus* bem selecionado demonstra-se mais necessário e superior a uma abundância de textos a ser dissecados.

A mensuração dos fatos sociais depende da categorização do mundo social. As atividades sociais devem ser distinguidas antes que qualquer frequência ou percentual possa ser atribuído a qualquer distinção. É necessário ter uma noção das distinções qualitativas entre categorias sociais, antes que se possa medir quantas pessoas pertencem a uma ou outra categoria. Se alguém quer saber a distribuição de cores num Jardim de flores, deve primeiramente identificar o conjunto de cores que existem no jardim; somente depois disso pode-se começar a contar as flores de determinada cor. O mesmo é verdade para os fatos sociais (Bauer e Gaskell, 2002, p. 24).

Em razão disso, a metodologia adotada para esse estudo prioriza a interpretação subjetiva do objeto e dos sujeitos envolvidos. O *corpus* dessa pesquisa é formado, portanto, por alguns exemplos pontuais dos modelos

jornalísticos examinados anteriormente (investigativo, humanitário, *slow journalism* e *longform journalism*). Sendo assim, foram escolhidas 3 reportagens da Pública que representam o seu trabalho de acordo com as características levantadas nos capítulos anteriores:

- “100” - Reportagem transmídia vencedora do Prêmio Vladimir Herzog na categoria Internet;
- “O FBI e a Lava-Jato” - Reportagem produzida em parceria com a The Intercept Brasil, como parte da série Vaza Jato;
- “Comunidade com mais mortes por chuvas no Grande Recife ainda não recebeu novas moradias” - Reportagem de 2024 que denuncia a falta de ajuda que moradores de área devastada pelas chuvas em Pernambuco.¹⁵

Estas três reportagens foram selecionadas reconhecendo que existem também outros casos de textos da Pública capazes de incluir nesta análise, entretanto foram eleitos por destacarem-se de forma mais proeminente as qualidades dos gêneros jornalísticos apontados.

Inicialmente, a reportagem *100* foi escolhida por tratar-se de um exemplo de texto jornalístico que engloba uma base investigativa na sua apuração e abordagem de denúncia destacando a vida das famílias devastadas pelas obras dos Jogos Olímpicos em 2016 na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, por apresentar importante qualidade humanitária dado que apresenta as pessoas entrevistadas como personagens que o leitor pode ter empatia pela história e conhecer além da tragédia, algo evidenciado pelo seu reconhecimento no Prêmio Vladimir Herzog.

Em seguida, a reportagem *O FBI e a Lava-Jato*, feita em parceria com a The Intercept Brasil, foi escolhida por ser um claro exemplo de um trabalho de jornalismo investigativo, com o caráter de denúncia da “anti transparência” das figuras políticas sendo sua principal característica. Assim, também é possível apontar como parte da qualidade investigativa está na apuração realizada para produção da reportagem, que utilizou de base diversos conteúdos vazados de conversas entre figuras públicas e por meio da seleção das informações mais relevantes foi responsável por expor os trâmites secretos ao público.

¹⁵ Disponível em:

<https://apublica.org/2024/10/grande-recife-comunidade-devastada-por-chuva-em-2022-segu-e-sem-casas/>

Por fim, a reportagem *Comunidade com mais mortes por chuvas no Grande Recife ainda não recebeu novas moradias* de 2024 foi selecionada por ser um exemplo recente do trabalho da Pública. Sendo assim, demonstrando como as características priorizadas continuam permeando o trabalho dentro do veículo de comunicação. Ademais, por conter qualidades que o caracterizam como um trabalho do gênero humanitário, já que possui relatos de moradores da área afetada exprimindo a dificuldade que enfrentaram, durante mais de dois anos de espera, sem uma medida tomada após a perda de suas moradias nas chuvas.

Contudo, cada reportagem contém em maior grau uma das características referente aos quatro gêneros jornalísticos, é importante salientar que a presença dessas categorias não é excludente, com cada exemplo do *corpus* possuindo pelo menos um aspecto de cada um dos formatos estudados.

4.1 Análise e discussão das reportagens

A primeira reportagem é a especial “100” que narra as histórias de 100 famílias, reunindo relatos individuais de cada uma delas. O projeto apresenta um aglomerado de histórias, separando-as em representações visuais de suas respectivas casas (Figura 1), fazendo jus ao subtítulo “100 histórias. 100 remoções. 100 casas destruídas pelos jogos olímpicos 2016”. A produção contou com uma equipe formada por 11 profissionais da Pública e uma turma de alunos da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Um grande grupo foi necessário para realizar a tarefa de sistematizar, apurar e produzir uma reportagem tão detalhada, um esforço essencial dado que contou com a participação de um número abundante de entrevistados.

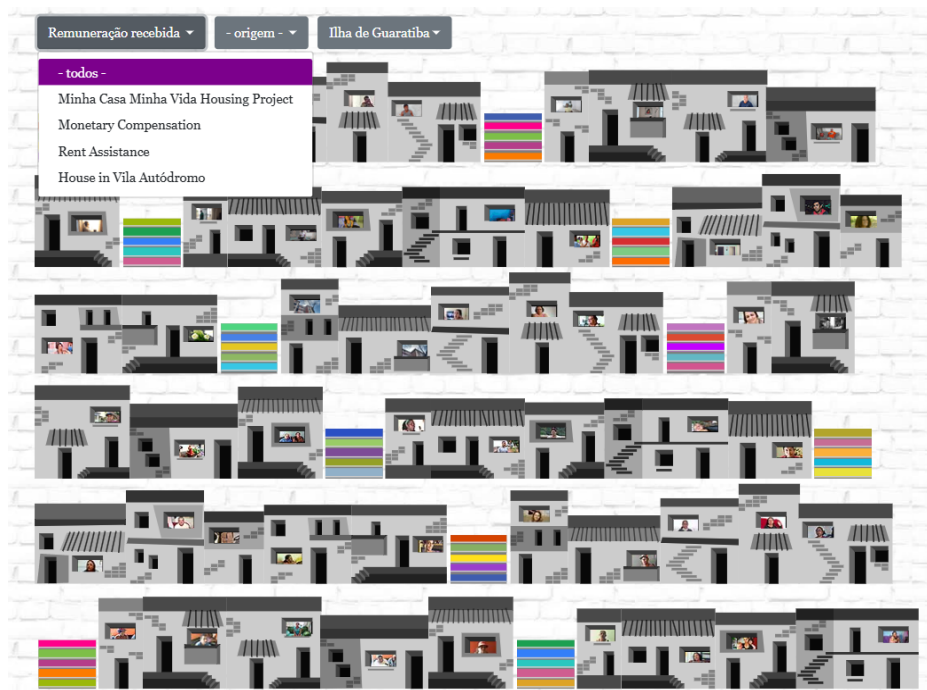
A abordagem do especial 100 permite que cada um dos segmentos apresente ao leitor a história de uma família diferente, mostrando sua moradia, o local onde instalaram-se após a perda do lar e também oferecendo espaço para que eles apresentem e relatem a sua trajetória. Essa estrutura é um exemplo do trabalho humanitário como citado nos capítulos anteriores e conversa principalmente com a concepção de Victor (2016) de que é preciso por meio da narrativa jornalística

humanizar as personagens de cada história, não apenas apresentar dados de pessoas afetadas pela calamidade.

Quanto à estrutura, a matéria conta com um formato interativo no qual o leitor pode clicar nas animações das casas e conhecer individualmente a história das famílias que perderam seu lar. O modelo da reportagem também contou com uma sistematização que permitia ao leitor acessar alguns detalhes sobre cada história, separado em 3 categorias: 'Remuneração', 'destino' e 'origem' (Figura 2). Dessa maneira, permitindo que quem estivesse acessando pudesse descobrir o destino de cada uma das famílias de acordo com essas categorias.

Assim, a interatividade presente na reportagem é capaz de transmitir ao leitor uma sensação de conhecer as pessoas sobre qual a reportagem falar, entender suas motivações, a realidade que os aflige e dessa maneira estimular o público a empatizar com as pessoas, tornando números, nesse caso 100 famílias, em pessoas reais, em 100 histórias afetadas por algo além do seu controle e que afetam drasticamente o seu bem-estar.

Figura 2: Imagem das categorias na reportagem especial “100”



Fonte: Captura de tela do site da Agência Pública (2025).

Em razão do formato da reportagem, é possível reconhecer nela um exemplo do tipo *longform journalism*, uma vez que trata-se de um texto mais extenso e

requintado. Todavia, não seja um texto longo em formato tradicional, o especial 100 possui um aprofundamento na narrativa e nas personagens componentes característico dessa modalidade. Ainda, ao apresentar uma estrutura que mescla diversos formatos de mídia em sua composição carrega uma qualidade que Gifreu (2013, p. 23) exalta ao referir-se ao *longform* no meio digital, a capacidade de trabalhar com “a interação, a multimodalidade e a ruptura da linearidade”.

Além disso, esse formato da reportagem também é responsável por expor a 100 como um exemplo de *slow journalism*, já que é uma produção que demanda tempo e empenho tanto dos profissionais que a geram quanto do público ao realizar a leitura. Assim, também é possível apontar o esforço da equipe formada por diversos profissionais como um fator que a situa nessa categoria, já que a reportagem exigiu um trabalho árduo de todos tanto para apurar o número excessivo de testemunhas entrevistadas quanto tratar a informação com devido cuidado na produção da reportagem.

A segunda reportagem, intitulada “O FBI e a Lava-Jato”, é uma matéria da Agência Pública realizada em parceria com a The Intercept Brasil, como parte da série *Vaza Jato*, um especial de cobertura em que veículos de imprensa examinaram conversas vazadas de membros do Ministério Público Federal e da Justiça. Publicada em 2020, a matéria da Pública contextualiza uma série de conversas entre membros do MPF em relação a envolvimento suspeito com o FBI.

A abordagem é de dissecar o conteúdo das mensagens às quais houve acesso, questionando as figuras responsáveis pelo conteúdo das conversas e, assim, expondo ao público os trâmites suspeitos por trás das decisões políticas tomadas pelas autoridades. Essa é uma proposta que está alinhada à noção apresentada por Seane (2016), em diálogo com a concepção presente nos estudos de Waisbord (2000), segundo a qual o jornalismo investigativo desempenha um papel importante de denunciar, especialmente injustiças, trazendo ao alcance do público informações ocultadas pelas autoridades.

Além disso, essa matéria apresenta como personagens principais os agentes que fizeram parte das investigações e as figuras que protagonizaram as conversas vazadas, diferenciando-se de um jornalismo humanitário em que esse espaço é dedicado às vítimas das circunstâncias. Todavia, essa abordagem tem papel de permitir ao leitor aproximar-se das histórias das pessoas (em uma matéria humanitária), no sentido que nesse caso permite ao público enxergar cada

componente envolvida e tirar suas conclusões acerca das intenções por trás das mensagens selecionadas e das justificativas que cada um que disponibilizou a Pública posteriormente.

Exemplificando isso está a abordagem da reportagem, de iniciar a narrativa apresentando ao leitor a agente especial Leslie Rodrigues Backschies, descrevendo sua função na divisão de Segurança Nacional do FBI, e durante o resto da matéria como sua trajetória profissional interliga-se à investigação em questão, e como os desdobramentos da segunda influenciaram mudanças na primeira.

Durante o texto, ainda é possível perceber momentos em que são questionadas decisões tomadas no curso da investigação, como por exemplo a mudança de abordagem da *Foreign Corrupt Practices Act* (FCPA) que passou a direcionar-se para corrupção estrangeira em empresas de fora dos Estados Unidos, como forma de proteção aos cidadãos americanos, distanciando do seu papel original, investigar casos de terrorismo.

A explicação de Leslie para o foco do FBI na corrupção internacional – e por que investigar empresas que cometeram corrupção fora dos Estados Unidos ajuda a melhorar a segurança dos cidadãos americanos – é rocambolesca. “Queremos que se cumpra a lei. Se a lei não é cumprida, você terá certas sociedades nas quais eles [os cidadãos] sentem que os governos deles são tão corruptos, que irão buscar outros elementos que são considerados fundamentais, que eles vêem como limpos ou algo contra o regime corrupto, e isso se torna uma ameaça para a segurança nacional [dos Estados Unidos]” (Viana, Natália; Neves, Rafael, Pública & The Intercept Brasil, 2020, online)

Tendo em vista esses momentos de questionamento dentro da reportagem, é possível perceber que tal detalhe é um exemplo de jornalismo investigativo que conversa com a concepção de Dines (1986), de que o papel desse tipo jornalístico é além apenas de revelar informações, sendo também uma função de interpretar e trazer à tona incongruências nas informações, podendo influenciar o público leitor a indagar. Esse fator é destacado também pela maneira como a reportagem não apenas detalha cronologicamente cada uma das mensagens, indo além disso e debruçando-se sobre o material utilizando da interpretação e análise para tapar lacunas e apresentar uma narrativa com menos furos. A exemplo disto, está um trecho da reportagem em que é explicado porque as mensagens em um dos registros está incompleta (Figura 3), deixando claro que trata-se de algo que não foi

possível acessar, e apresentando o motivo de não ser possível alcançar o conteúdo para análise:

A comunicação demonstra que o assunto já fora tratado, pessoalmente, com o procurador Carlos Bruno Ferreira, da Secretaria de Cooperação Internacional da PGR. “Se não me engano o assunto de baixo é o mesmo que o Carlos Bruno explicou para mim recentemente na despedida do Adido Frank Dick na embaixada do Reino Unido (certo Carlos?)”, escreve, em português fluente, prometendo consultar os “cyber experts” do FBI. O problema é que o MywebDay usava uma poderosa criptografia que só podia ser descriptografada usando 3 componentes. E a Odebrecht dizia que tinha perdido dois deles, tendo apenas a senha. A criptografia usava o programa Truecrypt (Viana, Natália; Neves, Rafael, Pública & The Intercept Brasil, 2020, online)

Figura 3: Imagem das mensagens vazadas presentes na reportagem “O FBI e a Lava Jato”



Fonte: Captura de tela do site da Agência Pública (2025).

Quanto ao formato, a reportagem carrega características do *longform journalism* devido a sua extensão, detalhamento e narrativa aprofundada tanto da investigação quanto do minucioso exame das mensagens. Além disso, o esforço para examinar a extensa quantidade de conversas vazadas e formular uma narrativa coesa é uma amostra de como essa reportagem também diz respeito a um exemplo de *slow journalism*, refletindo o capricho destacado pelo criador do movimento Rob Orchard (2014).

Igualmente, pode-se apontar a inclusão das capturas de tela na reportagem como uma forma que trabalha-se os formatos *slow* e *longform* em comunhão com o meio digital para qual está sendo produzido o texto, semelhante a primeira reportagem analisada.

A terceira reportagem é intitulada “*Comunidade com mais mortes por chuvas no Grande Recife ainda não recebeu novas moradias*” e retrata a realidade da comunidade Jardim Monte Verde, em Recife, cujos habitantes não obtiveram auxílio habitacional mesmo após perderem seus lares durante as fortes chuvas. Publicada em 2024, escrita pela jornalista pernambucana Mariama Correia, a matéria exhibe relatos de diferentes pessoas cujas casas foram soterradas nas tempestades e também dados que revelam a falta de ação das autoridades para acolher essa comunidade.

Destacando-se principalmente pelo conteúdo humanitário, a reportagem tem como foco discorrer sobre as mazelas que os moradores da região sofreram durante as chuvas e com a perda de seus lares, como por exemplo o relato de uma moradora que ficou soterrada e não recebeu auxílio necessário mesmo com a perda do imóvel e os machucados do ocorrido.

Quando a barreira desabou em maio de 2022, Eliane Martins de Oliveira, 50 anos, ficou soterrada. Ela quebrou a patela e, ao longo dos últimos dois anos, precisou passar por três cirurgias. A filha dela, de 31 anos, morreu na tragédia. “Minha casa foi destruída e nunca recebi nem o auxílio-aluguel”, conta. A prefeitura de Jaboatão teria negado o auxílio porque ela recebe um salário mínimo pelo INSS. Só que apenas o aluguel atual dela custa R\$350 – o custo com moradia sobe para R\$550 quando somada a energia (Entrevista cedida à jornalista Mariama Correia para a Pública, 2024, online).

Por esse e outros relatos, a reportagem demonstra a importância de ceder espaço à comunidade afetada, permitindo assim que as vítimas descrevam o

descaso que sofrem e o descontentamento com a falta de atenção das autoridades. Essa qualidade humanitária também está relacionada a um fator comum do gênero com o investigativo, o de denunciar ao público a negligência sofrida pela comunidade afetada por tragédias como essa.

Isso fica ainda mais claro quando a reportagem expõe dados que comprovam que a falta de medidas efetivadas já não é recente, com casos de desastres ligados a chuvas na região sendo algo comum e registrado desde o começo do século.

A entrega de habitações é uma demanda antiga da comunidade, que já tinha sido duramente atingida por enxurradas nos anos 2000, quando também aconteceu um deslizamento de barreira. “No ano passado, a prefeitura do Recife prometeu que seriam feitas revitalizações de algumas casas pelo ProMorar, mas até agora nada”, diz Jenifer (Entrevista cedida à jornalista Mariama Correia para a Pública, 2024, online).

Nesse contexto, a conduta da reportagem reflete a ideia levantada por Bauman (1999, p. 11) de que dentro do jornalismo humanitário é essencial trabalhar em resposta à “apatia da civilização moderna”. Isto é, exercer um jornalismo que questiona e busca indagar as figuras de autoridade à adotar medidas, trazendo para o público uma discussão a respeito da realidade precária de pessoas que estão esperando por uma mudança.

Em relação à estrutura, essa reportagem, todavia seja a menor entre as analisadas, ainda enquadra-se em um exemplo de *longform journalism*, nem tanto devido apenas a extensão do texto, mas principalmente pela narrativa que demanda maior tempo de leitura devido ao seu aprofundamento no fato relatado (Longhi; Winkes, 2015). Assim como a inclusão de conteúdo multimídia que ilustra a narrativa sendo contada. Além disso, assim como as outras duas reportagens, esse texto possui um fator que o distingue como sendo *slow journalism*, considerando o conjunto de relatos de pessoas, acompanhado de dados dos anos desde a catástrofe.

5 CODIFICAÇÃO COMO GUIA PARA O JORNALISMO INVESTIGATIVO E HUMANITÁRIO

O estudo enquadra-se em uma pesquisa de caráter qualitativo, com objetivo de avaliar as publicações da Agência Pública e encontrar nesse montante características do trabalho jornalístico investigativo e humanitário do veículo. Com esse propósito, foram levantados três exemplos de reportagens para análise em busca de tais classes. Sendo assim, por meio de uma Análise de Conteúdo dessas reportagens foi possível identificar não só a presença das categorias relevantes como também um padrão presente nas estratégias da Pública.

Com a finalidade de traçar essa pesquisa, foi decidido debruçar-se sobre as concepções de Bauer e Gaskell (2015) acerca de AC, especialmente na escolha de amostragem e divisão de características a ser examinada. A abordagem da análise é interpretar por meio do exame do objeto de estudo um padrão temático nas reportagens selecionadas. Além disso, por meio dessa análise, apontar os códigos em comum nos textos e poder posteriormente dividi-los em categorias mais aprofundadas. O formato de apresentação e a condução para a sistematização dessa codificação, também foram inspirados nos modelos apresentados por Calado (2025).

Em vista disso, estabeleceu-se um sistema de codificação a ser utilizado para mapear as características das reportagens e relacionar esses pontos-chave com os modelos de jornalismo apresentados nesse trabalho (investigativo, humanitário, *slow journalism* e *longform journalism*).

Sendo assim, foi considerado o manual de Bauer e Gaskell (2015) como base para a metodologia qualitativa, no qual, entre as orientações do livro, destaca-se a de trabalhar com os aspectos em comum nos objetos de um *corpus* selecionado. Nesse caso, a base para formação da codificação está fundamentada nos códigos levantados por meio da interpretação das três reportagens analisadas no capítulo anterior.

Além da conceituação dos autores, também foi considerada para a codificação as orientações de Bardin (1977, p. 103), compreendendo que esse passo da pesquisa “permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua

expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices”, isto é, uma etapa essencial para realizar recorte do que é relevante e reorganizar em um formato que explicita a classificação do material examinado.

Seguindo com o suporte teórico da autora, a codificação realizada qualifica-se como uma análise temática, tendo em vista que trata-se de um processo orientado pelos chamados “núcleos de sentido”, isto é, aspectos que a presença e/ou repetição nos textos analisados “podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido” (Bardin, 1977, p. 105). Desse modo, as qualidades jornalísticas que foram encontradas nas reportagens, servem como os núcleos de sentido da pesquisa, e apontam para as estratégias comunicativas da Pública e como seu trabalho jornalístico tem uma base voltada para os modelos de jornalismo estudados nesse trabalho.

Ademais, outro ponto da concepção de Bardin (1977) também é relevante para a pesquisa, pois reconhece a importância de dividir em categorias as singularidades reconhecidas no objeto de estudo, e que posteriormente servirão como base para a organização do conteúdo.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (Bardin, 1977, p. 117)

Para sistematização das informações, foi definido um conjunto de categorias que relaciona o objeto de estudo com os aspectos estudados, para em seguida levantar categorias específicas que aprofundam-se nas características dos gêneros jornalísticos presentes nas reportagens.

Na primeira etapa de codificação, foram selecionados os materiais para servir de amostragem para a pesquisa e o método de análise mais apropriado para relacionar os conteúdos estudados, as reportagens e os gêneros jornalísticos (Quadro 1). Em seguida, a partir das unidades de análise foram separadas Categorias Fundamentais de codificação (investigativo, humanitário, *slow journalism* e *longform journalism*) e Categorias de Definição (Quadro 2) fruto das qualidades presentes na divisão anterior.

Quadro 1 – Identificação das Unidades de Análise

Identificação da Unidade	Definição
Unidade de amostragem	A unidade de amostragem foi escolhida com base em análise do site da Pública, selecionando com base em sua estrutura, temas e formatos, três reportagens para o estudo: Reportagem 1. 100; Reportagem 2. O FBI e a Lava Jato; Reportagem 3. Comunidade com mais mortes por chuvas no Grande Recife ainda não recebeu novas moradias
Unidade de análise	A unidade de análise leva em conta as características jornalísticas presentes nas três reportagens do <i>corpus</i> .
Unidade de codificação	A unidade de codificação é formada pelas categorias presentes nos textos examinados e como estas conversam com os quatro formatos de jornalismo que estão sendo estudados.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base em Bardin (1977); Bauer (2002); Calado (2025).

Quadro 2 – Detalhamento das Categorias Fundamentais e de Definição

Categorias Fundamentais	Categorias de Definição
Jornalismo humanitário	Trata das pessoas citadas como personagens da narrativa.
	Humaniza os dados de indivíduos afetados pelo fato.
	Retrata a história da comunidade além da catástrofe.
	Denuncia o descaso.
	Utiliza o relato de pessoas como ponto essencial na narrativa.
Jornalismo investigativo	Caráter de denúncia.

Categorias Fundamentais	Categorias de Definição
	Expõe alguma informação ocultada do público.
	Questiona decisões das autoridades.
	Combate a “Antitransparência”.
<i>slow journalism</i>	Textos que demandam mais tempo de produção.
	Ultrapassa a camada superficial do fato.
	Apuração cuidadosa do fato.
	Busca além de fontes óbvias.
<i>longform journalism</i>	Textos extensos.
	Profundidade no tema investigado.
	Inclusão de ferramentas de Multimídia e Hiperímia.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base em Bardin (1977); Bauer (2002); Calado (2025).

Sendo assim, para a etapa seguinte de codificação (Quadro 3) foi analisada a presença das Categorias de Definição nas três reportagens da Pública indicadas e também selecionada uma característica de maior destaque nelas, demonstrando um padrão nas estratégias comunicacionais da agência. Essa seleção ancora-se na concepção levantada por Bardin (1977, p. 118), na qual a autora afirma que para uma classificação eficiente é essencial o apontamento do que cada um dos objetos possui em comum, então permitindo a análise do seu agrupamento.

Quadro 3 - Categorias de maior presença na unidade de amostragem

Categorias principais	Definição
Humanizar os dados	Utilizar dos relatos para narrar sobre a história das pessoas presentes no fato relatando, aprofundando-se e dando a esses indivíduos o papel de protagonista na narrativa.
Caráter de denúncia	Expor um fato oculto que explicita uma injustiça ou corrupção.

Categorias principais	Definição
Ultrapassar a superficialidade do fato	Uma produção textual que demonstra o esforço em apurar, narrar e produzir, além de apenas narrar o fato de forma simples e direta.
Inclusão de ferramentas multimídia no texto	O emprego de ferramentas de hipermídias na estrutura do texto enriquece a narrativa da reportagem, auxiliando na leitura e compreensão.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base em Bardin (1977); Bauer (2002); Calado (2025).

Por fim, foi levantado um esquema que contempla todas as categorias anteriores e utiliza da interpretação dos dados levantados para formar um referencial de análise dos textos jornalísticos investigativos e humanitários.

Quadro 4 - Referencial de codificação

Categorias Fundamentais	Categorias de Definição	Categorias Principais
Jornalismo humanitário	Trata das pessoas citadas como personagens da narrativa	Humanizar os dados
	Humaniza os dados de indivíduos afetados pelo fato	
	Retrata a história da comunidade além da catástrofe	
	Denuncia o descaso	
	Utiliza o relato de pessoas como ponto essencial na narrativa	
Jornalismo investigativo	Caráter de denúncia	Caráter de denúncia
	Expõe algo informações ocultas do público	
	Questiona decisões das autoridades	

Categorias Fundamentais	Categorias de Definição	Categorias Principais
	Combate a “Antitransparência”	
<i>slow journalism</i>	Textos que demandam mais tempo de produção	Ultrapassar a superficialidade do fato
	Ultrapassa a superficialidade do fato	
	Apuração cuidadosa do fato	
	Busca além de fontes óbvias	
<i>longform journalism</i>	Textos extensos	Inclusão de ferramentas multimídia no texto
	Profundidade no tema investigado	
	Inclusão de ferramentas de Hiperlinks	

Fonte: Elaborado pelo autor (2025), com base em Bardin (1977); Bauer (2002); Calado (2025).

Dessa forma, a categorização expõe um padrão nas reportagens analisadas, especialmente levando em consideração as características em destaque na estrutura das três. Por conseguinte, explicita-se a relevância de categorizar textos jornalísticos como os examinados nessa análise, pois esse nível de investigação permite compreender a sua estrutura, função e, nesse caso, a forma como se apresentam no meio digital. Assim, o esquema elaborado permite entender o conjunto de características e como a sua presença nas reportagens é um reflexo do trabalho realizado, evidenciando assim o que é priorizado no jornalismo digital.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada para a codificação das informações captadas expôs um padrão dentro do objeto de estudo. Sendo assim, a categorização foi capaz de explicitar o que a Agência Pública carrega em suas produções referente aos gêneros investigativo, humanitário, *slow* e *longform journalism* mesmo em meio ao cenário de infodemia presente no meio digital, como citado nos primeiros capítulos.

Levando em conta isso, essa pesquisa demonstra, por meio do trabalho da Pública, uma alternativa de jornalismo que segue uma diretriz diferente daquela comum no meio digital dominado por um direcionamento algorítmico. Dessa forma, o método utilizado nesse estudo explicita um referencial que sistematiza o trabalho jornalístico humanitário e investigativo com capacidade de florescer no ambiente da internet, sem perder suas características fundamentais. Todavia, também reconstruindo-se nesse meio e às ferramentas que são possíveis de utilizar nessa configuração.

Por meio da codificação, foi possível perceber quais características tradicionais dos 4 gêneros perduram mesmo no trabalho jornalístico para a internet. Com base na amostragem, foram levantadas Categorias Principais que representam aquelas que mais manifestam-se em cada um dos gêneros presente nas reportagens examinadas.

A primeira categoria é “Humanizar os dados”, muito presente nos trabalhos de Jornalismo Humanitário, ela é perceptível nos três exemplos de reportagens, especialmente nas reportagens 1 e 3. Essa categoria refere-se a capacidade de por meio da narrativa dar o papel de personagem na história às pessoas que fazem parte do fato, indo além de apenas retratar um número x de pessoas afetadas por um acontecimento específico. No caso da reportagem 2, essa característica não é manifestada igualmente às outras duas, pois em vez de tratar como protagonistas as “vítimas” de uma situação de calamidade ou descaso, a narrativa apresenta como personagens principais as figuras incluídas numa investigação e que encabeçam o governo.

A segunda categoria foi a de “Caráter de denúncia”, característica frequente no gênero investigativo e que foi possível perceber-se presente em toda a amostragem da pesquisa. Na reportagem 1, está presente na forma como resolvem expor a realidade de 100 famílias que foram vítimas de um acontecimento que estava sendo divulgado como um avanço positivo. Na reportagem 2, a denúncia está durante praticamente toda a narrativa, expondo os trâmites privados de figuras de poder e questionando suas decisões durante a investigação realizada. Na reportagem 3, tal qualidade fez-se presente ao identificar a realidade da comunidade recifense afetada pelas enchentes, destacando a falta de medidas eficientes para abrandar suas perdas.

A terceira categoria é a de “Ultrapassar a superficialidade do fato”, muito importante no movimento *slow journalism*, em que a base desse tipo de jornalismo é um trabalho que demanda capricho na produção e uma apuração além da abordagem rasa dos acontecimentos. Nesse caso, a característica mostra-se presente em todos exemplos, com destaque para a reportagem 1 e 2, que apresentam uma base de pesquisa bem aprofundada, extensa e que demandou uma equipe além do trabalho de um único jornalista. Porém, a reportagem 3 não carece de tal aspecto, especialmente quando presta-se atenção à forma como a narrativa exhibe também dados e informações de anos anteriores ao acontecimento mais recente recebendo cobertura.

Por fim, a quarta categoria é a de “Inclusão de ferramentas multimídia no texto”, sendo ela uma qualidade muito utilizada em produções do *longform journalism* tanto para ilustrar melhor a história sendo narrada como para auxiliar na leitura dos textos mais extensos. Tal característica fez-se presente nos três exemplos, desde apenas por meio de imagens (as capturas de tela e fotos das figuras sendo citadas na reportagem) como na reportagem 2, até com uma ilustração complexa como no caso da reportagem 1 e também nas imagens capturadas para ilustrar o resultado da tragédia sendo destacada na reportagem 3 (e também a inclusão de vídeo gravado por uma fonte que pode enquadrar-se como um exemplo ao mesmo tempo da categoria “caráter de denúncia”).

Assim, constatou-se por meio dessa análise que o trabalho jornalístico dentro da Pública apresenta um padrão nas suas produções que reflete uma conservação de métodos do jornalismo investigativo e humanitário tradicional mesmo na configuração de um trabalho digital. Dessa forma, a codificação e categorização das

informações analisadas respondem ao principal questionamento dessa pesquisa: como é possível realizar metodologicamente um jornalismo digital que mantenha os princípios de investigação, apuração e refinamento dos gêneros tradicionais, mesmo em meio a um cenário de infoxicação e uma demanda algorítmica?

Levando em consideração o trabalho da agência analisada, temos o exemplo de uma alternativa de jornalismo digital que serve de cruzamento entre as bases dos formatos tradicionais e as inovações que o meio digital permite ao profissional da comunicação. Logo, essa monografia contribui para o debate acerca das mudanças presentes no jornalismo após anos de construção junto ao ambiente da internet, apresentando um panorama do trabalho de comunicação atual e como a configuração contemporânea ainda conversa com os princípios clássicos dos gêneros analisados.

Portanto, a relevância do estudo reside no método de categorização apontado e como esse pode não só servir como uma ferramenta para enxergar os padrões de comunicação no objeto analisado, mas também uma maneira de examinar outros produtos jornalísticos em veículos de comunicação diferentes reconhecendo paradigmas e de que forma eles dialogam com os diversos gêneros jornalísticos. Assim, a monografia apresentou um delineamento de codificação que pode ser utilizado em outros estudos de comunicação, especialmente os que buscam entender a influência do meio digital na reconfiguração de formatos clássicos. Igualmente, o esquema de codificação pode servir para guiar pesquisas que contemplem as alterações dos modelos jornalísticos ao mesmo tempo que preservam parte de suas características e as aprimoram nos textos contemporâneos com auxílio das ferramentas digitais à disposição.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PÚBLICA. *Mudanças na Agência Pública*. Agência Pública, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/12/mudancas-na-agencia-publica/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

AGÊNCIA PÚBLICA. *O que aprendemos em 10 anos de jornalismo investigativo*. Agência Pública, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/03/o-que-aprendemos-em-10-anos-de-jornalismo-investigativo/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

AGÊNCIA PÚBLICA. *Quem somos*. Agência Pública. Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

AGÊNCIA PÚBLICA. *100: 100 histórias, 100 remoções, 100 casas destruídas pelos Jogos Olímpicos*. Agência Pública, 20 jul. 2016. Disponível em: <https://apublica.org/100/#main>. Acesso em: 8 jun. 2025.

ANJOS, Anna Beatriz; AFIUNE, Giulia. *Seis coisas que você precisa saber sobre investigações participativas*. Agência Pública, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/seis-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-investigacoes-participativas/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

BACCIN, Alciane Nolibos. *Como contar histórias?: o hipertexto jornalístico na reportagem hipermídia*. 2017. 324 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/158497>. Acesso em: 24 abr. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. (1999). *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

BUNCE, M., Scott, M.; Wright, K. (2019). *Humanitarian journalism*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.821>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CALADO, Flávio. *Letramento em privacidade de dados para jornalistas: uma proposta de Newsgame*. Qualificação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOMPro da UFMA. 2025. Acesso em: 17 de junho de 2025.

CANAVILHAS, João (orgs). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: UBI, Livros LabCom, 2014. p. 3-24.

CORREIA, Mariama. *Grande Recife: comunidade devastada por chuva em 2022 segue sem casas*. Agência Pública, 14 out. 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/10/grande-recife-comunidade-devastada-por-chuva-em-2022-segue-sem-casas/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

CORNELLA, Alfons. *Cómo darse de baja y evitar la infoxicación en Internet*. Extra!-Net. Revista de Infonomia, 1996.

CORNU, Daniel. *Ética da informação*. Bauru/SP: Edusc, 1998. DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade*. Rio de Janeiro: Vozes

CHARRON, J.; BONVILLE, J. De. *Natureza e transformação do jornalismo*. Jornalismo e Sociedade. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

DIAS, Marina. *Por que somos Agência, por que somos Pública*. Agência Pública, São Paulo, 13 de abr. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/04/por-que-somos-agencia-por-que-somos-publica/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

DINES, A. *O papel do jornal: uma releitura*. 4 ed. São Paulo: Summus, 1986.

FISCHER, Mary Clare. *Longform: means more than just a lot of words*. American Journalism Review, Maryland, 17 dez. 2013. Disponível em: <http://migre.me/pFBUv>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GIFREU-CASTELLS, Arnau. *El documental interactivo: estado de desarrollo actual*. Obra digital, n. 4, p. 29-55, 2013. ISSN 2014-5039. Disponível em: <

<http://www.raco.cat/index.php/ObraDigital/article/view/264707>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GLADWELL, Malcolm. *O ponto da virada: como pequenas coisas podem fazer uma grande diferença*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. *O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo*. Brazilian Journalism Research, v. 11, n. 1, p. 110–127, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v11n1.2015.693>. Acesso em: 24 abr. 2025.

LOPES, D. F.; PROENÇA, J. *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

MELO, S. A. *Da grande reportagem ao escândalo político: os percursos do jornalismo investigativo no Brasil*. Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, v. 4, p. 176-185, 2016.

MELO, Ana Catarina das Neves Castro e. *A (in)definição e emergência do jornalismo humanitário: a cobertura mediática do conflito de Cabo Delgado no jornal Público*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação: Jornalismo) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2021. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10434>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

MIRANDA, Cristiane Fontinha; BALDESSAR, Maria José; CAVENAGHI, Beatriz. *Modelos de construção narrativa no jornalismo digital no Brasil, Estados Unidos e Inglaterra*. Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.geografias.net.br/papers/2015/R10-0678-1.pdf>. Acesso em: 24 de abr. de 2025.

MURRAY, Janet. *Hamlet no holodeck*. Editora UNESP, 2003.

NICKEL, Bárbara; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. *O que é lento no slow journalism? Uma análise da sua relação com o tempo*. Âncora: Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 14–33, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/48103>. Acesso em: 24 abr. 2025.

ORCHARD, R. *The slow journalism revolution* | Rob Orchard | TEDxMadrid. Youtube. 3 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UGtFXtnWME4>. Acesso em: 24 abr. 2025.

PRÊMIO JORNALÍSTICO VLADIMIR HERZOG DE ANISTIA E DIREITOS HUMANOS. O Prêmio. *Prêmio Vladimir Herzog*. Disponível em: <https://premiolvladimirherzog.org/o-premio/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

SHAW, I. (2012). *Human Rights Journalism: Advances in Reporting Distant Humanitarian Interventions*. Basingstoke: Palgrave.

SIZEMORE, Hunter; ZHU, Jichen. *Interactive Non-Fiction: Towards a New Approach for Digital Storytelling in Journalism*. Interactive Storytelling. Lecture Notes in Computer Science. Vol. 7069, 2011, p. 313-316. Disponível em: < http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-642-25289-1_37>. Acesso em: 24 abr. 2025.

VALIATI, Amalia Dalpizol; BREDÁ, V. Prior; FUNCK, Lais N. *Longform e jornalismo: uma análise de grandes reportagens na revista piauí*. Comunicologia – Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, Brasília, v. 14, n. 1, p. 173–192, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/comunicologia.v14i1.12271>. Acesso em: 24 abr. 2025.

VIANA, Natália. *Brasil ganha agência de jornalismo investigativo: Entrevista com Natalia Viana Por Natalia Mazotte*. Knight Center, Texas, 2019. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/brasil-ganha-agencia-de-jornalismo-investigativo/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

VIANA, Natália; NEVES, Rafael. *Como o FBI influenciou procuradores da Lava Jato*. Agência Pública, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/07/o-fbi-e-a-lava-jato/>. Acesso em: 8 jun. 2025.

VICTOR, C. *Mudanças Climáticas no Centro das Questões Humanitárias: da comunicação de riscos às propostas de media intervention*. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira, 2016.

WAISBORD, Silvio. *Watchdog journalism in South America: news, accountability, and democracy*. New York: Columbia University Press, 2000.